O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest — 18 n.os	Trim — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1036

10 DE OUTUBRO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

A Campanha contra os Cuamatas — Victoria das armas portuguêsas

MAJOR JOSÉ AUGUSTO ALVES ROÇADAS
COMMANDANTE EM CHEFE E ORGANISADOR DA EXPEDIÇÃO MILITAR

CAPITÃO EDUARDO MARQUES
CHEFE DO ESTADO MAIOR E SEGUNDO COMMANDANTE DA EXPEDIÇÃO MILITAR

Chronica Occidental

Ao ministro da marinha:

«Loanda, 6 t. — Vencido Cuamato Grande. Depois de abastecer o forte D. Luiz de Bragança com vinte e dois dias de viveres, a columna marchou contra a embala do Cuamato Grande, que foi tomado hoje, após resistencia grande do inimigo.

«Soffremos baixas, dois mortos e quatorze feridos sendo cinco gravemente.

«O governador vae fazer fala ao povo para se apresentar sob condições. Caso não se apresente tenciona fazer razzias na região.

«No Cuamato Grande vai ser estabelecido um forte para affirmar o nosso dominio effectivo.

«O governador Roçadas tenciona regressar brevemente para o Humbe, d'onde se abastecerão os fortes do Cuamato com sete mezes de viveres.

«Considero a campanha terminada.

«Felicito V. Ex.ª e o governo.

(a) O governador, *Henrique Couceiro.*

Era assim o telegramma que tamanho jubilo veiu espalhar no paiz inteiro. A guerra deve estar proxima do seu fim, e, mais uma vez, o nosso soldado, o melhor da Europa, como já lhe chamaram, confirmou seus creditos gloriosos. Mais um nome de official portuguez fulgura na grande lista que começou pelos arrojados conquistadores de Ceuta: o do major Roçadas. É brilhante a historia dos portuguezes em Africa; seu fulgor não parece querer apagar-se.

Está Loanda em festa. Em muitas terras de Portugal foi a noticia recebida festivamente.

Mas veiu emfim publicada a relação dos mortos, e confrangem-se os corações, quando se pensa que tantas lagrimas são preço d'uma victoria. Morreram tres officiaes, cujos nomes já tinham vindo publicados, vinte e seis praças europeias, tres praças indigenas e quatro condemnados, os quaes se não souberam viver, puderam, ao menos, com uma morte gloriosa, limpar a mancha que lhes embaciava a memoria.

A Africa tem sido o assumpto do dia, desde a chegada do Principe. Pouco disse a este respeito na passada chronica, porque era cedo de mais; pouco agora direi porque é tarde, mas não deixarei de referir-me á importante entrevista que um dos redactores do *Seculo* conseguiu do sr. ministro da marinha.

Referindo-se á passagem do Principe pelas colonias britannicas e á fórma por que foi acclamado em todos os pontos d'esse vasto imperio, affirmou que, por mais d'uma vez, as mensagens das camaras municipaes se referiam á recente organisação

da provincia de Moçambique como dando a essa provincia os elementos necessarios para poder entrar na familia sul-africana. Falou com enthusiasmo da provincia de Moçambique, de S. Thomé e Cabo Verde, do planalto da provincia de Angola e do porto do Lobito, que diz dever ter para a Africa central um futuro egual ao de Lourenço Marques na outra costa. O sr. Ayres de Ornellas deseja fazer no proximo anno, uma nova visita á Africa Occidental e assevera que, dentro de dez annos, deverá ser formidavel o imperio dos portuguezes na Africa.

Tem sido muito discutida pelos politicos a viagem do Principe Real, e, decerto, muito mais o fôra em tempos mais calmos. Tem-se as attenções distrahido por variadissimos assumptos, entre os quaes, de maior importancia, a reunião dos progressistas em casa do sr. José Luciano de Castro, na Anadia, e os preparos para a eleição do futuro successor de Hintze Ribeiro como chefe do partido regenerador.

Ao sr. Pimentel Pinto, como presidente da commissão executiva do partido regenerador, foi enviada a nota da resolução tomada na reunião da Anadia. Os antigos ministros regeneradores, reunindo no centro, resolveram por unanimidade não tomar resolução nenhuma, por isso que brevemente se deve proceder á eleição do chefe. Deve esta realisar-se no proximo dia 12, havendo já sido apurado o corpo eleitoral e sanccionada unanimemente a qualidade dos votantes, cuja lista veiu publicada no *Noticias de Lisboa*. Os dois candidatos, srs. Julio de Vilhena e Teixeira de Sousa, depois de varias conferencias chegaram a um accordo. Parece certa a eleição do primeiro.

N'outro paiz que não fosse o nosso e onde estivesse mais desenvolvida a mania das apostas a muitas a chefatura de agora haveria dado logar. Mas o portuguez raras vezes toma estas questões a peito e não se deixa interessar pelo jogo quando este não seja o monte ou a roleta. Se o vicio lhe estivesse entranhado, optima occasião teria tido agora com o *raid* promovido pela *Illustração Portugueza* e que foi levado com grande brilho por alguns officiaes do nosso exercito. Venceu o tenente Beltrão, que, na tarde de 4 de outubro, foi o primeiro a chegar ao Campo Grande, havendo percorrido 1360 kilometros em 17 dias duas horas e 20 minutos. Uma gloriosa media de quasi 80 kilometros por dia!

Pouco depois do tenente Beltrão, chegaram o alferes Callado e o tenente Silva Reis, e, ao escurecer do dia, os officiaes André Reis, Peixoto da Silva e José Jara de Carvalho.

Um resultado brilhantissimo, como se vê.

Não farão menor figura os cavalleiros da segunda secção, cujo percurso medio será talvez ainda mais rapido que o dos seis distinctos officiaes.

Domingo passado fez-se uma parodia engraçada a este certamen. Uma corrida de burros montados por barbeiros, havendo os gericos trotado sem incidente de maior, desde Lisboa até Cascaes.

O verão vai no fim, e é preciso aproveitar estes ultimos dias. Já em Lisboa estão quasi todos os theatros abertos. As regatas de Cascaes marcarão talvez, com uma ou outra toirada, muito arriscada a contra-annuncio, o final das festas estivaes. O inverno já se annunciou com seus rigores. O Principe desembarcou sob uma chuva torrencial e a familia real desistiu de regressar a Cascaes no *yacht Amelia*. O vendaval produziu varios estragos por esse paiz fóra, sobretudo na Nazareth, cuja villa ficou atulhada de areias arrastadas pela força das aguas.

Voltou, porém, o tempo sereno, e o outomno com suas melancholias e os tons pallidos dos seus crepusculos, volta a inspirar os poetas quarentões, que já não se atrevem a cantar a primavera. Esta entontece-os ainda, mas desafina-os. Mais com o pensar d'elles está o vento nos pinheiraes, cantando em tom menor, está nas praias o murmurio doce das aguas do oceano.

O mar tem agora o seu tempo de maior belleza. Vi-o ha dias, do alto dos rochedos, na Praia das Maçãs, onde tinha ido procurar Alfredo Keil, com a má noticia de que elle havia peorado. Mas a casa já estava abandonada, já o que ali sonhou tanta coisa d'arte havia retirado para Lisboa, assustada a familia, com o aggravamento da doença. A casa tão amorosamente edificada sobre as rochas, e a capellinha, que lhe fica ao lado, nunca mais haviam de ver o grande artista.

Retirei para Lisboa e logo o fui procurar na casa da Avenida, que, tres ou quatro dias depois, tambem elle havia de deixar, embarcando para Hamburgo, onde um especialista notavel lhe fez difficil operação aos pulmões. Um telegramma animador foi de perto seguido por outro que nos annunciava a morte do amigo querido.

Alfredo Keil era uma natureza de artista, sempre luctando pela arte em todas as suas manifestações. Era um patriota tambem. Sempre as coisas portuguezas lhe inspiraram o estro e por ellas revelou o maior amor. A paysagem da nossa terra deu-lhe os melhores quadros, em assumptos portuguezes se inspirou para compôr a *D. Branca*, a *Irene* e a *Serrana*; tempos que passou nos Valles, no caminho de Thomar para a Certã, um dos pontos mais bellos do paiz, forneceram lhe assumpto para o seu livro inedito, mas já em composição ha tempos, e ha de conter seus melhores versos. Elle compoz a cantata *Patria!*, elle foi o auctor da *Portugueza*, que ha dezesete annos, tanta vez commoveu o publico apoz o ultimatum inglez.

Fizera os versos Henrique Lopes de Mendonça. Tambem este soffreu com o dolorosissimo golpe da morte da virtuosa esposa. Um triumpho lhes havia juntado os nomes. Quanta vez os acclamaram n'esse tempo! Agora ás duas familias dos artistas temos que endereçar os nossos pesames. Façamol-o com o coração maguadissimo.

João da Camara.

A campanha contra os cuamatas

VITORIA DAS ARMAS PORTUGUÊSAS

Ha pouco mais de quatro mêses, nos principios de junho, partio para o Sul de Angola uma expedição militar composta por uma companhia do regimento de infanteria 12 na força de 250 praças, sob o comando do capitão Francelino Pimentel com os subalternos tenentes Beirão e Figueiredo e alferes Passos e Bicudo, a qual recebeu instrução na Escola Pratica de Infanteria durante 35 dias.

Com esta força partiu tambem uma companhia de infanteria de marinha, o que soma ao todo uns 500 homens. A modesta expedição europeia foi juntar-se a forças do exercito de Africa compostas de duas companhias europeias da provincia, uma companhia organisada com praças do batalhão disciplinar de Angola, 4 companhias de indigenas, uma companhia de indigenas de Moçambique, 2 esquadrões de cavalaria, de 155 praças cada um, 5 metralhadoras e mais material de artilheria, etc.

Esta expedição formava a columna de operações contra os cuamatas, sob o comando do capitão Alves Roçadas, que a organisou como fez o plano da campanha.

Não faltou quem agourasse mal de uma expedição tão resumida para ir combater inimigo tão aguerrido e numeroso, e vingar a traiçoeira derrota sofrida pelas armas portuguêsas, ha tres annos no Humbe, em que se perderam 260 homens entre soldados e oficiaes.

A imprensa estrangeira tambem se referio desdenhosamente a esta expedição, talvez fundada nos grandes reveses que as tropas alemans haviam sofrido em Africa, na luta com os indigenas da colonia visinha ao sul, da mesma raça e indole, os ovampos, de que são os cuamatas, cuanhamas e ereros, luta que tem custado á Alemanha alguns milhões de marcos gastos em expedições que atingem a uns vinte mil homens!

A Providencia, porém, velou pelos portuguêses, e mais uma vez veiu provar quanto esta raça é resistente, atravez de todas as inclemencias, permitindo-lhes uma vitoria quando tanto havia a recear pela sorte de nossas armas.

Já assim acontecera nas modernas campanhas de 1895 a 1897 do Gungunhana e dos Namarraes.

Então como hoje os soldados portuguêses tiveram de bater-se em grande deseguaIdade numerica, em paiz estranho, por desbravar e sob um clima ardente, depauperador das forças.

A resumida columna de operações portuguêsa tinha que defrontar-se com um povo bravio, da peior especie, munido de armas modernas, regularmente disciplinado e de incomparavel superioridade numerica, pois podia dispor de trinta a cincoenta mil homens.

Uma temeridade! dirão muitos.

Entretanto não foi uma aventura incalculada o que se praticou. Desde a derrota sofrida em 1904, que o governo português, principiou a preparar a desforra, e a organisar uma expedição militar, que não seria demasiado numerica para o inimigo que tinha de bater, mas que se tornava assaz dispendiosa para os nossos recursos financeiros. Além disto a ocupação do paiz dos cuamatas não se podia fazer tão de improviso, pois havia a lutar com as grandes distancias para lá chegar, internado a umas 200 leguas da costa.

Assim, para marchar com mais segurança, era preciso ir por partes, ocupando e estabelecendo postos militares, o que se fez, principiando por assegurar a passagem do Cunene, pela construção do forte no vau do Mucondo e o de D. Luis Filipe nas margens daquelle rio.

Estes fortes foram construidos segundo o plano do governador da Huila o sr. capitão Alves Roçadas e foi por fim este o encarregado de planear a campanha e organisar a expedição, o que só ficou definitivamente resolvido em meados de 1906, havendo contudo já trabalhos preparados, muito especialmente sobre a escolha de algum material de guerra, e de estudos que garantissem a marcha da columna de operações.

Poderá, portanto, ter sido ousado, mas não temerario o plano da campanha; poderá ter-se confiado demasiadamente na nossa boa estrela, como no valor do soldado português, de que Napoleão, o Grande, dizia, na Russia, com respeito á legião portuguêsa «Com cem mil homens destes conquistaria o mundo inteiro!» Mas o que é certo é, que a valentia e resistencia inquebrantavel nos nossos soldados conseguiu vencer todas as inclemencias do paiz onde operou e medir-se vitoriosamente com o inimigo, que acabou por derrotar a cargas de cavalaria e de baineta calada.

Isto sucedeu depois de penosas marchas atravez de matagaes bravios ou sobre areias esbraseadas pelos raios do sol queimante, com que tanto sofriam os homens como o gado que tinha de as pisar.

A columna de operações partio do forte Roçadas, no planalto, onde se encontravam todas as forças, no dia 26 de agosto, para o campo de ação. No dia 29 teve o primeiro encontro com o inimigo, de que resultou triunfo para as nossas armas, distinguindo-se sobre tudo o 2.º esquadrão de dragões de Angola sob o comando do tenente sr. Alfredo Martins Lima.

Foi esta a primeira vitoria.

Muitas horas de fogo teve a columna que sustentar em varios recontros com o inimigo, e na ultima ação, em que os nossos se assenhoriaram da embala do Cuamato, o fizeram debaixo do fogo do inimigo durante dez horas seguidas, tendo partido de Damequero em 20 de setembro para chegarem a Almundo no dia seguinte.

Não foi, infelizmente, sem algumas perdas dos nossos que esta vitoria se alcançou, como é triste sorte da guerra; essas perdas, porém, foram relativamente pequenas em relação as perdas do inimigo, cujas forças se calculam superiores a sete mil homens, de que uma boa parte ficaram mortos no campo e o resto se desmoralisou e fugiu por fim para os matos, tendo perdido o melhor de seus chefes.

Dos nossos ficaram mortos os alferes Joaquim Prats de cavalaria, Augusto Maria do exercito ultramarino, e Veloso de infanteria, tenente veterinario Pereira, tres soldados europeus e mais vinte e seis feridos, sendo quatro gravemente, e 10 indigenas.

Do alferes Prats aqui juntamos o retrato, que podemos obter, como o de um heroe que morreu pela patria.

Alferes Joaquim Prats

São dignos das homenagens de todos os portuguêses os heroes que tomaram parte nesta gloriosa campanha, mas não sendo possivel estampar aqui os retratos de todos, apresentamos hoje o do capitão sr. Alves Roçadas, commandante e orga-

nisador da columna expedicionaria, que tão gloriosamente viu coroado os seus planos de campanha, e o do capitão, sr. Eduardo Marques chefe do estado maior e segundo comandante da columna.

São benemeritos que a patria não deve esquecer até ao ultimo soldado.

Desde já o governo destinguio com o oficialato da Torre Espada o capitão Roçadas, oficial tão instruido quanto valente, que desempenhava as funções de governador da Huila, pelo que conhece bem a Africa. Prudente, mas intrepido, elaborou o plano da campanha com raro criterio, prevendo as eventualidades que se poderiam dar com o inimigo que tinha a combater, e as que poderiam resultar das, quasi insuperaveis dificuldades que o país em que tinha de operar, oferecia.

Assim foi mais seguro em seu cometimento, e oxalá essa segurança o acompanhe até ao fim da campanha.

Esta primeira distinção conferida ao valente oficial, não desobriga o governo de outras recompensas com que o deve premiar.

A todas as mais praças que tomaram parte na ação é conferida a medalha D. Amelia das Campanhas de Africa.

Tudo isto é justo, mais justo seria se a estas recompensas andasse ligada alguma garantia para o futuro dêsses benemeritos, que exposeram a vida para assegurar a soberania portuguêsa naquellas terras de Africa e engrandecerem a patria, dilatando-lhe os seus dominios, que se achavam em risco de se perderem, se não fossem ocupados pela nossa bandeira, e a Alemanha tivesse de intervir para defender a colonia que ali tem visinha e que os cuamatas inquietavam com os seus assaltos.

Esta campanha não foi méro capricho de ambição mal contida, mas uma necessidade de defender nossos direitos e provar que podemos manter completos nossos dominios coloniaes e assegurar o desenvolvimento do comercio, que se encontrava manietado pela inquietação que dominava a provincia.

Está vencida a parte mais importante da campanha, mas não poderemos levantar mão da partida, pois o inimigo é traiçoeiro e bravio e é preciso estar precavido para qualquer nova sortida.

*
* *

Ao rever as provas deste artigo, chega-nos a noticia telegrafica da completa vitoria das armas portuguêsas, pela tomada do Cuamato-Grande, depois de desesperada resistencia do inimigo, internado no mato, onde os nossos o perseguiram denodadamente.

Nesta ação final houve baixa de dois mortos e 14 feridos sendo cinco de gravidade.

Alegrias e tristezas, que as vitorias das armas não se alcançam sem serem tintas de sangue de heroes que se sacrificam no altar da patria.

O AUCTOR DO POEMA

Apotheose Humana

M. Joaquim Dias

(Algumas palavras ácerca d'elle, antes de falar a Critica)

Não direi que seja caso virgem, mas tem seu que de raro, o aparecimento nas montras das primeiras livrarias do país, de um poêma, que não tenha sido precedido do fatal e inevitavel livro de lyricas amorosas da adolescencia do auctor, além de mais um ou outro a seguir a este e com que se predispõe o redusido publico lêdor de versos, a julgar e a assegurar-se do valor do creador do poema annunciado.

Assim como Theofilo Braga, quando surprehendera toda a gente aos seus 22 annos com a *Visão dos Tempos*, tinha deixado na ilha natal a sua estreia poetica — *Folhas Verdes* (um vol.) —, assim o auctor da *Apotheose Humana* deu a publico, na sua mocidade, um poemêto romantico — *Margarida* —; mas, tão desconhecido é este livro fóra da ilha onde nascêra (Fayal), como desconhecido ficára o volume de Theofilo álem da ilha de S. Miguel, em quanto não foi reeditado em Portugal.

Não é facil de crer, efectivamente, que um poema seja estreia de um poeta; pelo menos, o poeta fayalense não abre excepção.

Anteriormente ao poemêto e depois, já a sua lyra nos dera algumas poesias soltas que se acham dispersas em jornaes e publicações literarias dos Açores; e é agora que elle vae coleccional-as (afirma). Agora... depois do poema!

Ingenuidades, simplicidades, alheias a tudo o que ha de pratico e commercial!, distracções d'um sonhador, d'um visionario, que não vive terra a terra, como se faz mister para o bom governo da vidinha, seja pela gloria, seja pelo proveito!

E, revelando-se ainda o mesmo homem, *reincidente no crime de d'abstração*, eil-o, elle um desconhecido, elle portador d'um apelido plebeu, apresentando ao publico letrado o seu poema, sem a sonora e recurvada dedicatoria a um, ou mais de um figurão social; sem o encomiastico pregão-preambular d'algum marechal das letras; sem o insinuante retrato, emfim sem nenhuma das *ficelles*, da convenção e do estylo, nas apresentações d'este genero.

Vejam isto: em uma carta, observei-lhe: «Parece-me conveniente que, no remate do prologo, não indique a sua residencia, sómente por — Quinta da Ermitagem —, mas esclareça, dizendo tambem a região a que pertence (embora sem as coordenadas geograficas), para que se saiba, em que ponto da superficie do globo terraqueo existe o auctor do poema. Olhe que póde muito bem succeder, um ou outro leitor julgar que a tal quinta é... na Lua.

Agora a resposta: «Muito intencionalmente escrevi apenas o nome da quinta onde vivo para que não se conheça onde é, assim como não se conheça o auctor quem é. Desejo arredar a minha pobre pessôa das referencias ao livro, quanto poder. Não tenho biografia. Vivo, como o amigo diz, como uma ave sobre um rochedo, em pleno oceano. E ainda d'esse rochedo bem pouco espaço percorro. O livro é que sae á estacada, entendam-se lá com elle.»

São adoraveis os poetas d'esta indole... não desfasendo nos parnaminheiros.

Meu amigo Dias: póde diser de si como aquelle outro poeta que nasceu em Nazareth: «O meu reino não é d'este mundo.»

*

Alguma coisa desejava acrescentar da sua biografia; mas... o que hade ser?

— Felizes dos povos que não teem historia — disse proverbialmente. Pois se felizes são tambem os individuos sem historia, este é um d'elles.

Nascido na pequena ilha do Fayal, ahi, n'esse meio social educado e artistico, sem duvida, mas muito restricto, se lhe tem deslisado serenamente a existencia; e ainda lá, provavelmente, serão os vermes do cemiterio do Carmo, que lhe comerão a carne. Por signal, que não será caso para indigestões por parte dos respectivos vermes.

Diz elle, na mesma carta: «Faltam-me estimulos aqui, é verdade; mas, o que mais me falta é a saude, que nunca conheci perfeita. E' o que ás vezes me admira: como póde cantar a vida quem anda com a morte ás costas.»

Já vêem: o poeta da *Apotheose Humana*, tal como a maioria dos poetas, sofre de todas as doenças conhecidas no mundo sublunar... e seus arrabaldes.

Comprehende-se claramente: entes, de seu natural desiquilibrados, pelo excesso anormal de imaginação e sensibilidade, empregam frequentemente estas faculdades na observação intima do proprio ser, objectivo e subjectivo; d'aqui o supor-se cada um d'elles, muito a serio, um tratado experimental de pathologia. E não vá lá nenhum medico contrarial-os, porque então elles, discutem, provam, gemem, tossem, etc., etc.

Voltando ao *sujeito da oração*, direi para terminar: elle foi como toda a gente empregado publico; mas, um bello dia, deitou a manga d'alpaca ás ortigas e virou-se á agricultura como Herculano, não, tratando da azeitona mas sim de productos menos oleosos, taes como batatas, hortaliças, cereaes e outros não menos prosaicos. E tem sido nos intervallos da sacha, da monda, da ceifa que o poeta, abrindo as asas em alexandrinos, tem percorrido em varios vôos o vasto cemiterio do Passado, fixando de preferencia os campos das batalhas travadas em prol da Liberdade humana, da Justiça, do Amor e da Sciencia; isto é, da Verdade, do Bem e do Bello, como elle diz, terminando o poema.

Foi nestas jornadas retrospetivas que se gerou o poema *Apotheose Humana*.

D'esta tão distincta e sympatica individualidade do poeta, um traço unico me falta apenas accentuar: assim direi, que se n'ella alguma coisa ha superior ao talento é o caracter moral.

Altruista, os seus conterraneos teem aproveitado as suas excepcionaes qualidades, para os guiar e dirigir na pratica do principio associativo, do cooperativismo mutualista, coisas sem orientação scientifica na sua terra até á sua intervenção pessoal.

O que ainda não conseguiram d'elle, foi a anuencia para a inclusão do seu nome n'uma lista de votação municipal (a antiga instituição dos *homens bons dos concelhos)*. Não obstante, é certo, que essa inclusão lhe está reservada para o dia em que o povo fayalense consiga, como já consegue o da capital, fazer triunfar a sua lista contra a da colligação da *pelotiqueira*. Assim seja.

*

Adiante segue uma poesia solta colhida no seu cancioneiro disperso. D'ella escreveu outro poeta, publicando-a: «Formosissima na sua singelesa, ha n'ella notas verdadeiramente sentidas, observadas com a suave delicadeza d'um coração de artista. Pelo que diz respeito á forma, é d'uma inexcedivel correção; assim, sente-se um doce prazer em ler aquelles versos moldados com tanto escrupulo, tão harmoniosos, onde a belleza da ideia revê na limpidez da forma.»

Vae tambem o seu retrato, reprodução de fotografia particular que possuimos. Não julgue o leitor que o mistificâmos, oferecendo-lhe o retrato do maestro Puccini, o encantador musico da *Bohemia* e da *Tosca*, pelo do poeta: tanta é a semelhança.

Em um dos numeros a seguir, d'esta revista, daremos um trecho do recente poema.

Depois da apresentação, será dada a palavra á Critica.

HENRIQUE DAS NEVES.

AS FOLHAS

Ella tinha casado havia poucos annos,
E as doces illusões de que vivera d'antes
Occultavam-lhe ainda os frios desenganos.

Teem um fresco perfume os corações amantes
N'este viver de amor, n'esta união sincera,
Como pela manhã os laranjaes fragrantes.

Entre a esperança um dia ao seu casal viera
Uma criança, assim como uma flor singella
Que nasce com o sol da branda primavera.

Como da escola ingleza em caprichosa tela
Um quadro de familia a respirar doçuras,
Isto que faz a vida apetecida e bella,

Assim era o casal: vivia de venturas
Que só tem a mulher no seio immaculado,
No doce tumultuar de amores e ternuras.

Um dia este viver sereno e descuidado
Surprehende-o a morte e leva brutalmente
O pae, que morre, emfim, com a filhinha ao lado!

Um beijo... um outro ainda... e pallida, demente,
A mulher ou viuva chorava tanto, tanto
Que a filhinha tambem chorava inconsciente.

E abraçando-se á mãe, tinha o supremo encanto
Dos lances infernaes que a vida tem ás vezes
Em que a dôr sobe, sobe e se desata em pranto.

Volvera-se o tempo, emfim: correram alguns mezes,
E eu passei por alli. Por dentro da vidraça
Via-se a habitação fallando de revezes...

Punha-se o sol do outono e a luz longiqua e baça
Doirava tristemente a fria natureza.
Indefinivel cousa o coração enlaça!

Corriam pelo chão as folhas da devesa
Que ali ficava perto, e a meiga creancinha
Casava-se na rua á outonal tristeza.

Com as folhas corria aqui e ali, sosinha,
E ria quando o vento as debatia forte,
Um lenço preto atado á loura cabecinha.

A' innocencia sorri até a mesma morte!
Que importava á criança a mãe desventurada,
Se as folhas vão correndo ás vibrações do norte
E o lenço preto, emfim, não significa nada!

O convento de Olhalvo e o seu actual possuidor

Do livro *Alemquer e seu concelho*, trabalho importante de investigação historica feito pelo sr. comendador Guilherme Henriques, respigamos a seguinte noticia sobre o antigo convento de Olhalvo hoje propriedade do sr. comendador Antonio da Cunha Abreu Peixoto.

O logar de Olhalvo, uma das melhores povoações do concelho de Alemquer, está a uns 6 kilometros para N. O. da villa deste nome, com a qual communica por uma boa estrada. Tem 90 fogos e perto de 400 almas.

A egreja paroquial pertenceu outr'ora ao Convento adjacente, fundado em 1648, por D. Manuel da Cunha, Bispo de Elvas, arcebispo eleito de Lisboa, e capellão-mór de el-rei D. João IV. Entre os seus priores conta-se Frei Belchior de Santa Anna, natural de Garrajal, no bispado de Lamego, que nasceu em 1602 e falleceu no collegio da Ordem em Coimbra, a 9 de novembro de 1664. Escreveu a primeira parte da *Chronica* da Ordem, que foi acabada por Frei João do Sacramento e Frei José de Jesus Maria.

No terremoto grande, de 1755, a egreja ficou completamente arruinada. A reedificação levou perto de 27 annos; porque tendo o convento apenas 100$000 réis de rendimento certo, o resto da despeza teve de ser costeado pelos fieis.

Quando, em 1834 os frades foram abolidos, este convento teve a sorte de muitos outros. Os paramentos foram repartidos por diversas egrejas; e a rica livraria do Bispo dispersa. Verdade seja que já estava bastante reduzida, porque elle, e depois delle a sua irmã e testamenteira, D. Marianna de Mendonça, tinham dado licença aos frades para venderem os livros que podessem dispensar.

A parte abitavel do Convento foi comprada em praça pelo Visconde de Fonte Arcada, que a cedeu depois a um oficial do exercito de nome Rezende, de quem passou ao barão de Alemquer. A este sucedeu seu filho, o visconde do mesmo titulo, que vendeu o edificio ao atual proprietario o sr. comendador Antonio da Cunha Abreu Peixoto.

M. Joaquim Dias
AUTOR DO POEMA «APOTHEOSE HUMANA»

Com. Antonio da Cunha Abreu Peixoto
ATUAL PROPRIETARIO DO CONVENTO DE OLHALVO

Da primeira venda a egreja foi exceptuada, sendo depois cedida pelo governo á Junta de Paroquia, para servir de séde da freguezia. E' um edificio sumptuoso, cruciforme, de abobada, com cinco altares e um belo côro. Tem 30 metros de comprido, quasi 12 metros de altura, e a maxima largura é de $7^m,40$.

Sobre a porta principal vê-se o escudo das armas dos Cunhas, seus padroeiros.

Os altares são todos de talha dourada e de grande beleza, embora bastante deteriorados. Nas paredes ha diversos quadros a oleo, em riquissimas molduras, dados pelo Bispo fundador da egreja, que era grande amador das Belas Artes. Entre elles os de mais merecimento parecem ser: — Um quadro grande de S. Pedro na gruta, figura magestosa; outro grande que representa a Santa Familia; e um quadrosinho em cobre, no centro do colateral da direita, que parece da escola flamenga e ser pintura de merito.

* * *

O sr. comendador Antonio da Cunha Abreu Peixoto atual possuidor da Quinta e Convento que foi dos Frades Carmelitas Descalços, em Olhalvo, nasceu neste logar em 3 de junho de 1845, e foram seus paes Gregorio José da Cunha Mendes e D. Anna José de Abreu Peixoto de Castro, senhora oriunda de um ramo da antiga e nobre familia dos Abreus, de Regalados. O sr. Abreu Peixoto casou em 3 de junho de 1880 com a sr.ª D. Leonor Ernestina de Mendoça (Abrigada) de quem houve dois filhos: o mais velho Francisco, já falecido — e Gregorio que vive e que, como seu pae, se dedicou á vida agricola.

O sr. Peixoto tem sido sempre um devotado agricultor e escrupuloso vinicultor e viticultor; tendo introduzido nas suas propriedades todos os melhoramentos de que são susceptiveis, e adquirindo as melhores castas de uvas de que ha conhecimento, conseguiu produzir vinhos magnificos não só de pasto ou de mesa, como tambem licorosos, etc., e que já são bem conhecidos no paiz e fóra delle.

Esta povoação de Olhalvo torna-se bastante interessante, já pela sua situação, já porque encerra memorias de algum valor historico; assim existe aqui um solar de alguns descendentes de Damião de Goes: o antigo Recolhimento da Conceição, onde hoje se acham installadas as escolas publicas e a residencia paroquial.

E' tambem notavel esta terra pelo seu proverbial aceio, com as ruas bem calçadas, casas bem caiadas e cuidadas etc., e está ligada ás estações do caminho de ferro do Carregado e Vila Franca por sofrivel estrada a *macadam* e servida por diligencias diarias.

Tem abundancia de agua em poços publicos e particulares, e uma fonte muito antiga de magnifica agua potavel chamada a *Fonte do muro*, em cujas proximidades tem aparecido vestigios dos romanos, como amforas, moedas de curiosa investigação para os arquiologos, que tem em Olhalvo bom fundamento para seus estudos.

Egreja do Convento de Olhalvo

Olhalvo

A morte de Alfredo Keil

A morte de Alfredo Keil

Dolorosa surpreza nos colheu quando, na ultima sexa feira, 4, ao passarmos no Rocio, vimos, no mostrador da tabacaria Costa, uma fotografia de Alfredo Keil coberta de crepes!

Tinha morrido em Hamburgo o primoroso maestro e pintor, que conhecêramos em sua infancia e de que ha muito admiravamos o talento e primoroso carater.

Alfredo Keil sofria desde algum tempo uma pertinaz doença de garganta a que os medicos portuguêses não poderam dar cura, aconselhando-o a ir á Alemanha tratar-se com um especialista.

Triste consolação era esta para o pobre enfermo, que, entretanto, a aceitou como um raio de esperança sorrindo-lhe ao longe.

Keil partiu no dia 23 do mez findo para Hamburgo, acompanhado de sua esposa, a sr. D. Cleyde Cinati, de seu filho Luis e do medico assistente sr. dr. Herman Medeiros.

Na cidade aleman encontrou a morte, depois de se ter sujeitado a duas operações dolorosas, socumbindo á terceira.

Não podemos calcular todo o sofrimento de Alfredo Keil nessas dolorosas operações, como incalculavel terá sido a dôr de sua viuva e filho no aflitivo lance; mas a magua que nos doe ao traçar estas linhas, tão longe do pungente quadro, o sentimento que a

ALFREDO KEIL.
(Cliché da fotografia Luzo-Brazileira)

noticia da morte do grande artista produzio em Lisboa, dá a medida daquella grande dôr, que chegou ao coração dos amigos, e até daquelles que apenas o conheciam por suas obras.

Vivia Alfredo Keil num certo circulo de admiradores de seus talentos artisticos, porque as suas obras não se popularisaram no grande publico. Pintor primoroso, as suas telas não se destinaram, por assim dizer, ao mercado artistico, e antes a decorar as salas de alguns amigos ou a figurarem numa ou outra galeria particular onde hoje serão guardadas como recordação preciosa do malogrado artista. Maestro, pronunciadamente lirico, as suas composições ascendiam á grande opera, onde o publico de Lisboa as apreciou, como em Italia foi apreciada a *Irene*, não eram, comtudo, de indole a popularisarem-se.

Entretanto quando, Alfredo Keil, levado pelo sentimento patriotico, compôs, em 1890, a musica para a poesia de Lopes de Mendonça, a *Portuguesa*, vibrou a alma nacional, e o povo decorou essa musica, que por muito tempo foi cantada e tocada, até que o governo a proibio.

Então teve Alfredo Keil a aura popular e dahi ficou seu nome mais conhecido do grande publico, como maestro. Nunca mais porem compôs musica para o povo, e quando uma vez o convidámos para escrevêr a partitura duma opereta que planeavamos, logo nos disse que não cultivava esse genero com o qual não simpatisava.

Alfredo Keil era um artista apaixo-

A SAHIDA DA EGREJA — *(Quadros premiados de Alfredo Keil)* — UMA BOA LAMINA

nado por seus ideiaes elevados; poeta para dedilhar na lira de oiro dos poemas sublimes; da natureza só queria vêr o bélo e nunca rastejar pela cruel realidade.

Assim atravessou a vida como sonhador, sem abrigar em seu coração sentimento ruim, quando para elle tudo seria bélo e nobre.

*
* *

Alfredo Keil nasceu em Lisboa a 8 de julho de 1854, filho de Cristiano Keil, alemão, que veio para Portugal quando das guerras da liberdade, e que se estabeleceu como alfaiate, que o foi da Casa Real e da antiga aristocracia, grangeando boa fama e melhor fortuna, o que lhe permetiu dar uma educação esmerada a seu filho.

Realisou este seus primeiros estudos no Colegio Inglês, estabelecido a Entremuros, e aos 14 annos de idade foi para a Baviera completar sua educação, principiando a cultivar a Arte em Nuremberg. Ali era a Academia de Pintura dirigida pelo notavel esculptor, pintor e arquiteto Krelhng. Em Nuremberg encetou tambem seus estudos de musica, passando depois a Munich, onde uma pertinaz doença de garganta o obrigou a regressar á patria em 1870, para neste clima mais temperado se restabelecer.

Em Lisboa continuou os estudos de pintura com o professor da Academia de Bélas Artes, Joaquim Prieto, e em 1875 expoz pela primeira vez os seus quadros na Exposição da Sociedade Promotora de Bélas Artes, onde foi premiado com duas medalhas de bronse. No anno seguinte concorreu á exposição da mesma sociedade sendo premiados os seus quadros *A Sesta* e *Meditação* com duas medalhas de prata. Em 1878 enviou á Exposição Universal de Paris, o quadro *Melancolia*, que teve menção honrosa. Na Exposição do Rio de Janeiro, de 1879, a que concorreu, foi-lhe conferida uma medalha de ouro, unica concedida á secção de pintura. Em 1886 na Exposição de Arte de Madrid, foi distinguido com a ordem de Carlos III, pelos seus quadros *Pateo do Prior* e *Boa lamina*.

Em 1890 realisou no seu *atelier*, da Avenida da Liberdade, uma exposição de quadros, em numero de 300, na maioria estudos de marinhas e de paisagens, que teve grande exito, pois foram quasi todos adquiridos por amadores e entre estes muitos estrangeiros.

El-Rei D. Luis adquirio para a sua galeria alguns quadros de Alfredo Keil, entre os quaes citaremos *Uma dama do seculo XVI sahindo da egreja*, *Primavera*, *Marinha* e *Pôr do sol*, deliciosa paisagem colhida na ribeira de Colares.

Apreciemos agora Alfredo Keil noutra fase do seu talento para á musica com que ha muito sonhava e para que sentia grande desposição. Assim recomeçou seus estudos musicaes com o professor Ernesto Vieira e o pianista hungaro, Oscar de le Cinne.

As suas primeiras composições foram: a polca *Aurora*, as valsas *Teus olhos negros*, *Roses Pompous* e *Romance*, seguindo-se outras composições do genero, até que sua alma de artista se elevou a mais arrojado vôo, compondo a primeira partitura para teatro, a opereta *Susana* que se cantou na Trindade e foi tambem seu primeiro triunfo na musica.

Depois compôs o *Recueil*, melodias para piano; *Patria*, cantata que fez ouvir no Coliseu dos Recreios e as *Orientaes* executada com côros pela orquestra da Academia Real dos Amadores de Musica, no salão da Trindade.

Mas o talento de Alfredo Keil voou ainda mais alto, e eil-o a compôr a grande opera *D. Branca*, extraido o libereto da *D. Branca* de Almeida Garrett, por Cesar Ferreal. Esta opera foi posta em sena no teatro de S. Carlos á custa do autor em em 1888, e alcançou extraordinario exito que logo consagrou o maestro, e constituio um verdadeiro acontecimento artistico em Lisboa, sendo ainda cantada na época seguinte.

Compoz depois a opera *Irene*, cantada em Turim em 1893 e muito aplaudida, vindo a cantar se em S. Carlos no anno de 1896, tambem com grande exito. Em 1902 cantou-se no teatro de S. João, do Porto, uma nova opera de Alfredo Keil, *A Serrana*, que agradou muito e que depois foi cantada tambem em S. Carlos, onde a receberam bem. Esta opera tinha um grande cunho nacional, sendo muitos dos seus motivos inspirados em canções portuguêsas.

Alfredo Keil deixou ainda outra opera inedita intitulada *India*, que fizera para ser posta em sena por ocasião do centenario, o que não se levou a efeito por causa das elevadas despezas que a peça exigia. Outras composições deixou, como o *Hinno Infante D. Henrique*, executado no Porto por quatro bandas marciaes e côros, no centenario Henriquino; *Marcha Gualdin Paes*; *A Portuguesa*, etc.

Alfredo Keil era um devotado colecionador de joias antigas de que possuia um valioso museu, assim como de instrumentos musicos antigos que colecionava com grande amor e criterio formando um outro museu como não ha egual no país.

Entre as distinções conferidas ao seu merito, conta-se a commenda de S. Tiago e a Corôa de Italia. Era membro da Associação dos Compositores de França, e publicou em 1905 um opusculo *Coleções e museus de arte em Lisboa*, que ilustrou com primorosos desenhos.

Assim perdeu Portugal um dos seus mais talentosos artistas.

C. A.

O COFRE VOADOR

(De Hans Christiano Andersen)

Ao ex.

Ao ex.mo sr. Visconde de Castilho

Em tempos idos houve um mercador tão opulento que poderia, se se désse a esse capricho, mandar calcetar com moedas de prata toda uma grande avenida, mas n'essa não caía elle; sabia bem melhor em que empregasse a fortuna. Nunca dispendia um soldo sem que tivesse a certeza de ganhar um escudo. Era bastante habil e intelligente, mas apezar d'isso não deixou de morrer como qualquer ente sem vintem.

O unico filho que tinha, ficou senhor de tudo o que possuia. Levou alegre vida; todas as noites ia ao baile de mascaras; servia-se das notas do banco para fazer papagaios, e divertia-se a cortar a agua com moedas como se usa com os seixos á beira mar. Por esta fórma não era para admirar que visse em breve o fim á fortuna, e um bello dia, o filho do usurario, fazendo balanço, encontrou-se com quatro soldos, um velho roupão e um par de chinellas. Os amigos — como todos os amigos n'estes apertos da vida — apenas viram o estado precario a que o desregrado moço chegou, debandaram logo; um d'elles, porém, que não tinha mau fundo, mandou-lhe um cofre, fazendo-o acompanhar d'estas palavras: Faze as malas!

Era bom de dizer, mas o peor é que o infeliz moço não tinha com que fazêl-as; occorreu-lhe, porém, a ideia de ser elle o proprio quem se fizesse conteúdo do cofre.

Este cofre era extravagante: em se carregando na fechadura, elevava-se nos ares como se fôra alado. O filho do mercador assim que deu pelo segredo magico, fez-se voar dentro do cofre que enfiou pela chaminé, que casualmente era larga, e lá foi embarcado por ares e ventos. O cofre de vez em quando estalava, receando o exquisito aeronauta de novo genero que o seu curioso meio de conducção se abrisse e o despenhasse; felizmente chegou são e escorreito a um paiz turco.

Depois de ter occultado bem o seu vehiculo aereo n'uma floresta, sob folhas seccas, encaminhou-se para a cidade, não causando a sua presença surpreza alguma, pois que todos os turcos assim andavam — em roupão e em chinellas. — Ao percorrer as ruas, deu de rosto com uma ama acalentando uma creança, a quem se dirigiu:

— Diga-me: que palacio é este grande cujas janellas são tão altas?

— E' a moradia da filha do sultão — respondeu a amavel creatura. Predisseram que o noivo a tornaria desgraçada, e por isso ninguem póde acercar-se-lhe sem que seja na presença dos sultões.

— Obrigado pelas suas boas indicações! — retorquio o heroe da nossa singela narrativa, que a seguir tomou o caminho da floresta. Uma vez ahi, encafuou-se no cofre que voou — a indicação do seu guia — em direitura ao telhado do palacio; partiu os vidros da janella e entrou no quarto da joven sultana.

A aprisionada menina dormia sobre um sophá, e era tão estonteante de belleza que o filho do mercador não teve forças que o detivessem para lhe oscular a fronte. A moça sultana despertou assustada, mas o rapaz teve artes para a convencer de que era o deus dos turcos que vinha ali para lhe assegurar a felicidade; a ingenua menina tranquilisa-se confiando nas palavras do rapaz que, vendo-a em doce bem estar, se sentou perto d'ella, narrando-lhe historias maravilhosas que o enlevaram tanto que lhe prometteu que só elle seria o eleito do seu coração; por fim, pediu:

— Torna no sabbado; convidei o sultão e a sultana, meus paes, para o meu chá; decerto se envaidecerão com a perspectiva de me esposar com o deus dos turcos. Aconselho-te, porém, a que lhe narres algumas aventuras phantasiosas e de maravilhas. Minha mãe prefere o genero moral e instructivo, e meu pae é louco pelo que é alegre e faceto.

— Tranquillisa-te — respondeu o rapaz a quem a sultana presenteou com uma espada incrustada em peças d'ouro, que caíram do céu n'aquelle apuro em que se encontrou.

Correu a um algibebe onde, a troco d'algum ouro que desincrustou da espada, adquiriu um roupão novo, e foi ter á floresta onde permaneceu a idear uma historieta. A principio luctou com certa difficuldade, pois que não é com rapidez que se consegue inventar um conto, mas emfim conseguiu o seu fito, de maneira que no sabbado estava apto para narrar a historia consoante a joven sultana lhe havia indicado.

O sultão, a sultana, e toda a côrte, haviam vindo assistir ao chá da moça turca, sendo o filho do mercador recebido com grandes mostras de jubilo.

— Conte-nos uma historia aventurosa — solicitou desde logo a sultana — que reuna o sensato ao instructivo.

— Ou então alguma que nos alegre — proseguiu o sultão.

— Com muito gosto e tanto que a historia ha de agradar a ambos, pois que a ambos contenta.

E contou a historia que vae ler-se:

«Era uma vez uma caixa de phosphoros, que eram muito vaidosos por pertencerem a uma alta estirpe. A sua raça — ou antes o grande abeto de que representavam um fragmento — fôra outr'ora uma das arvores mais consideraveis e consideradas da floresta. Os phosphoros estavam na cosinha entre uma pederneira e uma panella de folha, a que contavam a sua vida.

— Como eramos felizes então quando estavamos em ramo verde. Todos os dias, de manhã e de tarde, alimentavamo-nos do rócio; apanhavamos o sol e as avesinhas cantavam nos lindas canções. Tambem eramos muito ricas, pois que ás outras arvores faltava roupa emquanto que ao abeto, nosso avô, nunca faltava para nol-a dar. Mas infelizmente para nós, veio uma guerra — em figura de rachadores de lenha — e a nossa familia foi arrasada. O tronco, esse ainda teve alguma sorte; obteve o logar de mastro real n'um magnifico barco de guerra capaz de dar a volta ao mundo, emquanto que os outros ramos d'essa arvore genealogica obtiveram diversos empregos, cabendo a nós o de servirmos para fazer luz. E aqui estamos, nós os descendentes de uma nobre familia, encafuados na cosinha!

— Pois o meu fadario foi bem diverso — acudiu a panella. — Desde que nasci não tenho feito outra cousa senão manjares excellentes. Sou da mais elevada cathegoria na casa. A minha unica alegria consiste — após o jantar — a retomar limpa e luzidia o meu logar e conversar com os meus companheiros. Desgraçadamente, estamos sempre enclausurados aqui, a unica companheira que apanha ar é a bilha d'agua que de vez em quando vae ao pateo. E' verdade que o cabaz das compras nos traz novidades quando vae á praça de braço dado com a cosinheira, mas aqui para nós que ninguem nos ouve, tem umas ideias politicas muito avançadas ácerca do paiz e da fórma do governo. Tanto assim que ante hontem, a velha panella de barro assustou-se com os bérros e caiu rachando-se! Se me não engano o cabaz — com as suas ideias — pertence á opposição.

— Estás falando demais! — gritou do canto a pederneira, ao mesmo tempo que chispava lume ao chegar-se ao fusil. Tractemos de nos divertir esta noite e deixemo-nos de conversas de má lingua proprias apenas de senhoras visinhas.

— Appoiado! — acclamaram os phosphoros — conversemos a vêr se conseguimos saber qual é o descendente de mais nobre linhagem.

— Nada, isso não! — retorquiu a panella. Embirrei sempre em falar muito de mim. Ha muitos assumptos para conversar. Começarei por contar a minha vida, e os outros farão o mesmo. E' interessantissima. Nas margens do Baltico, não longe das soberbas florestas de faias que cobrem o solo da nossa querida patria, a velha Dinamarca...

— Bravo! Que bello começo — exclamaram os pratos — E' uma historia promettedora!

— Foi ahi — continuou a panella — que passei a mocidade, n'uma familia socegada. Os moveis eram simples, as cortinas lavadas e o chão esfregado todos os quinze dias.

— Tem um modo de contar que faz gôsto — approvou a vassoura — Dir-se-hia uma boa dona de casa a falar, de tal modo inspira aceio!

— Certamente — applaudiu o balde, que com a

alegria quasi ia tombando, entornando alguma agua.

A panella continuou a sua narração que se manteve sempre alegre até acabar. Os pratos enthusiasmaram-se, batendo uns contra os outros, e a vassoura arranjou uns pés de salsa com os quaes coroou a panella. Decerto esta distincção ia ferir melindres, mas sensatos todos reflectiram: — que se a coroavam hoje, amanhan as coroariam a ellas!

— Agora, dancemos — alvitraram as tenazes, começando a dançar. Era curioso ver como ellas sabiam erguer uma perna! O estôfo já velho de uma cadeira, riu-se tanto ao vêl-as, que rebentou!

— Queremos ser coroadas! — disseram as tenazes ao concluirem os seus excentricos bailados; foi-lhes concedida a mercê que haviam pedido.

— Que toleima! — desdenharam de si para si os phosphoros.

Pediram em seguida á chaleira para cantar; ella, porém, excusou-se pretextando uma constipação. Era por soberba, pois que muitas vezes cantava ao haver visitas em casa.

Em cima da janella estava uma penna de pato de que a cosinheira se servia para fazer o rol das compras; nada tinha de notavel, salvo o estar sempre suja de tinta; talvez fosse isso que a fizesse muito senhora de si.

— Ah! a chaleira não quer cantar, passa-se sem ella — arriscou a dizer a penna — Na gaiola ha um rouxinol que não se fará rogado a cantar, pedindo-se-lhe, ainda que elle não seja um grande cantor, mas emfim, seremos indulgentes.

— A proposta não nos agrada — disse d'alli a cafeteira, irman da chaleira, a cantora ordinaria da cosinha — Para que se ha de chamar um estranho para nos divertir? Nomeio juiz d'este pleito o cabaz das compras.

— Com toda a franqueza — responde o cabaz — estou profundamente vexado por se passar a noite tão estupida. Parece-me que era mais acertado pôr todos em ordem; todos ficariam nos seus logares emquanto que eu dirigiria a manobra. Isso era outro aceio.

— Não; façamos bulha! — disseram á uma todos os utensilios.

De repente abre-se a porta e surge a cosinheira. Nada tugiu nem mugiu. Entretanto não havia alli objecto, por mais que pequeno, que não se julgasse descendente de uma nobre familia.

— Sim — pensavam para dentro — se me deixassem fazer o que tinha em mente, nós ter-nos-íamos divertido mais.

A creada tomou a caixa de phosphoros para accender o lume, mas como se accenderam com ruido!

— Agora — falavam com os seus botões — todos são obrigados a reconhecer a nossa superioridade... Que luz! que... — e já não eram mais que cinza.»

— Que excellente narrativa! — exclamou a sultana — Tão bem a descreveu que me julguei por vezes transportada á cosinha, ao pé dos phosphoros. Nossa filha pertence-lhe.

— Sim, sem duvida — accrescentou o sultão — terás nossa filha por mulher. Que graça achei ao conto! Segunda-feira terá logar o casamento.

E tractando-o por tu, olhava já o filho do mercador como membro da familia.

Na vespera do noivado, toda a cidade se illuminou. Semeavam as ruas de confeitos e amendoas: os garotos trepavam ás arvores gritando: *hurrah!* e assobiavam com os dedos na bocca. Um delirio!

— Agora — dizia comsigo o filho do mercador — é necessario que eu tambem faça alguma cousa de geito.

Comprou grande quantidade de peças de artificio, metteu-as no cofre e elevou-se nos ares.

Era d'um effeito phantastico o que os turcos viam boquiabertos, enthusiasmados a ponto das chinellas lhe saltarem á cara. Nunca tinham visto espectaculo similhante. Agora estavam bem convencidos de que era o seu deus em pessoa que ia esposar a juvenil e linda sultana.

Voltando á floresta, o filho do mercador pensou comsigo que era necessario ir á cidade para saber qual o effeito que produzira o seu fogo d'artificio. Era um desejo bem natural.

Que de cousas singulares não ouviu contar! Todos o tinham visto, mas de maneiras differentes.

— Vi o deus dos turcos — dizia um — tinha os olhos brilhantes como estrellas e uma barba tão branca como a espuma das ondas.

— Estava envolto n'um manto de fogo — exclamava outro — e nas pregas d'esse manto volteavam lindos anjos.

O nosso rapaz fartou-se de ouvir opiniões varias a seu respeito, durante a vespera do seu consorcio.

Finalmente voltou á floresta em busca do seu cofre para ir dentro d'elle buscar a noiva, mas não tornou a vêl-o. O cofre queimára-se com uma chamma do seu fogo de artificio; só ficaram as cinzas. O infeliz moço ficou privado de voar e de tornar a vêr a noiva.

Ella aguarda-o no palacio, espera-o ainda. Elle entretanto percorre o mundo contando historias, mas nenhuma tão feliz como a dos phosphoros.

(Trad. liv.)
XXVIII — VIII — CXIII.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XI

(Continuado do n.º 1035)

Todas estas alterações prediziam um desfecho proximo. Assim succedeu.

Por decreto de 11 de janeiro de 1837, foi abolido o Colégio dos Nobres e criada, em seu logar, a Escola Politechnica, conforme o parecer da comissão encarregada da reforma (comissão de que era presidente José Liberato Freire de Carvalho), sendo aplicados os seus rendimentos á instituição de novas escólas. No dia seguinte foi nomeado director da nova casa de ensino o coronel de engenheiros José Feliciano da Silva Costa, e oito dias depois foi posto o edificio á disposição do ministerio da guerra para nelle se estabelecer uma aula de educação militar.

Os antigos colegiaes foram recebidos no colégio militar e os lentes ficáram com os seus logares garantidos em outras escólas.

Quem deu o golpe de morte nas instituições pombalinas foi Passos Manoel.

O colégio que o marquês de Pombal quizera tornar sucedaneo dos velhos colégios de Coimbra não conseguiu lograr nem um palido reflexo da fama que estes alcançaram. Pouco ou nada produziu, forçoso é confessa-lo, e para isso muito contribuiu o exclusivismo que lhe era apanágio.

Os plebeus só lá pudéram entrar depois de 1834.

*

Tendo sido extincta a Academia Real de Marinha, depois da criação da Escola Politechnica, foi esta mandada instalar no edificio do antigo noviciado da Cotovia, e por portaria de 24 de março de 1838, ordenou o governo que a junta de fazenda do extincto colégio entregasse, á nova junta administrativa, todo o mobiliario, manuscritos, papeis e outros objectos, ao tempo que era tambem suprimida a Academia de Fortificação, ha annos ali instalada, sendo instituida em seu logar a Escóla do Exercito.

Ambas estas escolas existem hoje e da utilidade da primeira, que iremos encontrar no fim das memorias deste edificio, trataremos a seu tempo.

Chama-nos agora a atenção um projecto de lei, apresentado em 6 de agosto de 1837 ás côrtes, pelo deputado por Lamego José Manuel Botelho.

*

Este projecto de lei propunha, nem mais nem menos, a abolição da Escola Politechnica, novamente criada, e o restabelecimento do Colégio dos Nobres.

A camara recebeu o projecto e dividiu-se imediatamente em duas opiniões. Uns aprovaram-no com santo entusiásmo outros borrifaram-no de fronxos de riso mal reprimido. Entrementes era o projecto enviado á comissão de instrução publica para que esta informasse. O resultado era de prever. O projecto foi regeitado.

Quando a questão já dormia o sôno do esquecimento, em 1843, foi novamente agitada por um folheto de um antigo empregado do Colégio dos Nobres, chamado José Antonio David Henriques o qual se intituláva ***Analise ao Projecto do Deputado por Lamego, José Manuel Botelho.***

Em meia duzia de paginas o novo contendedor, advogava a ideia do Botelho, aplaudindo-a entusiásticamente, e divergindo apenas na abolição da Escóla Politechnica. Entendia elle que era mister conservarem-se as duas casas de ensino.

Não se leve a publicação do folheto á conta de interesse pessoal do seu autor, porquanto de nada lhe servia o restabelecimento do Colégio dos Nobres por ter o decreto de abolição garantido o logar e vencimentos a todo o pessoal do colégio. Os motivos eram outros. Se eram rasoaveis e justos, é o que vamos apurar.

Alegáva David Henriques em prol da sua ideia o mesmo argumento já apresentado por José Manoel Botelho e vinha a ser que o governo não podia abolir o colegio por a elle andar ligada a famosa testamentaria do almirante de Castella cujos bens não podiam ser alienados visto a herdeira directa e verdadeira do almirante ter sido Nossa Senhora da Conceição.

(Continua.)

G. DE MATOS SEQUEIRA.

NO BUSSACO

(A' Ex.ma Marqueza de Pomares)

«Em serra agreste, elevada,
«do meu pequenino paiz,
«serra extensa e aprumada,
«toda rocha e alcantis,
«de aspecto triste, sombria,
«que o cimo, de penedia,
«as nuvens vem rastejar,
«está um eden celeste
«que a natureza reveste
«de gallas, como um altar.
. . . .
«Como pagina d'Historia,
«como preito de Memoria,
«devia ficar inteiro
«o pequenino mosteiro,
«com toda a sua humildade,
«em honra da humanidade.

MARIA M. B. C. *(O Bussaco).*

Conheces o Bussaco, leitor amigo?

Demóra, distando de Coimbra poucas leguas, esta serra indizivelmente poetica, em que se vinculou a galhardia de feitos portuguêses numa hora tremenda e assinalada.

Massena, o heroe, salvador da França pela brilhantissima vitória de Zurich, na Suissa, viu abatidos os seus loiros gloriosos nas alturas do Bussaco, aos 27 dias do mês de setembro, do ano de 1810.

Passou agora um aniversario da famosa batalha.

Assim, pois, enlaça-se com a vida autonoma da patria, a serra, teatro duma façanha memoravel de resistencia ao soldado famoso que teve no Bussaco o inicio da via dolorosa, á qual, Torres Vedras foi o epilogo.

Antes, porém, da terceira invasão napoleonica ocorrer em terras portuguêsas e congregar tropas na serra, havia lá, congregada, a disciplina da prece religiosa em recolhido cenobio encimado pela Cruz.

Mãos de humana piedade ergueram no ponto culminante do Bussaco o lenho simbolico do Nazareno, de que andam afastados e até divorciados tantissimos ignáros que se dizem seus ministros.

Um vate inspirado, já hoje ida prêsa do sôno da morte, desferia, ha perto de cincoenta annos, este arpêjo na sua lyra de oiro:

«E mais alto, mais ainda, na *Cruz Alta*,
«D'horizontes sem fim, que descortina
«Um immenso estendal d'outeiros, campos
«Vinhas, prados, arneiros, rios, valles,
«Cidades, villas, povoações diversas
«De sete episcopados, vem comigo
«Piedoso gemer, chamar em tudo,
«O monge que aqui falta, os echos mortos,
«A penitencia expulsa, aquellas horas
«De virtuoso viver, o som do bronze
«Na torre á meia noite, e o das sinetas,
«Respondendo da mata, veladoras,
«Por mão do eremita, inda abrigado
«Em mais austeridade nas capellas,
«Aqui, além sumidas pelo bosque,
«Como violetas timidas, brotadas
«Da devoção sublime, como affectos,
«Que inda se aninham mais no intimo seio,
«A recender perfumes dos que os anjos
«Invejam para Deus talvez aos homens!»

Tal se revelava o éstro de João de Lemos perante a crista do Bussaco, imponente e arrebatadora quando a luz do sol permite ao observador atento a nitida visão das coisas, no quadro grandioso e no horisonte larguissimo.

Com egual colorido de verdade e com similar intensidade de sentimento se apresenta ao meu espirito, irritado por um falso camartélo destruidor do antigo e incapaz de substitui-lo, a poesia *O Bussaco*, especie de flôr da alma a que arranquei as pétalas

delicadas que constituem a minha epigrafe nas presentes linhas.

Definir o Bussaco, seja em verso, seja em prosa «como um altar» é definir com acêrto e propriedade o que deveras a Naturêsa formou ara de Deus e os homens no tempo, distinguiram, avisados, para albergue dos seus corpos no profundo silencio da oração.

Mas, isto, em que consagrou a vontade dos simples o que era bélo sem intervenção de creatura e em que foi consagrada a fascinação da paisagem pela presença dos desenganados do mundo, mas isto, que não é identificavel com interesses mesquinhos e com vaidades balôfas, está sendo abastardado por iconoclástas irreverentes, que nem sequer compreendem o que valem moral e intrinsecamente os venerandos testemunhos das idades casados a

No Bussaco
(De fotografia)

manifestações tipicas da Naturêsa.

Não se conservassem os monjes no mosteiro do Bussaco, mas fosse mantido tudo o mais que existia ahi no momento em que a bandeira da patria, se desfraldou, ovante, no campo da batalha contra os taladores do sólo querido.

«Em honra da humanidade» — leio na ultima pagina de *O Bussaco*, e nunca vi aplicada a palavra — honra — com tanto fundamento e com tão legitima e louvavel isenção.

Uma lagrima de dó, para aquêles que têem pretendido pôr a mascara de mestiças producções indigestas na face da serra que os seculos respeitaram, os seculos, que passam por cima de homens e de bronzes, de cadavéres e de mausoléos!...

D. F. de Noronha.